

**O MITO GREGO E OS CONTOS DE FADAS:
NARRATIVAS SOBRE A MATERNIDADE**

**(THE GREEK MITH AND THE FAIRY TALES:
NARRATIVES ABOUT MOTHERHOOD)**

Carlos Del Negro Visintin¹

Tania Mara Marques Granato²

Resumo

O presente artigo é fruto da pesquisa Levantamento de Narrativas sobre o Cuidado Materno presentes em Mitos e Contos de Fadas, a qual investigou o imaginário social sobre a maternidade, tendo em vista pesquisas recentes que apontam para a presença de altas expectativas em relação à figura materna, aliadas à insuficiência de apoio social à mãe em nosso país. Selecionamos dentre mitos gregos e contos de fadas, consultados em literatura especializada, aqueles que veiculam imagens sobre a relação mãe-criança, como protótipos da expectativa social que se transmite por objetos da cultura. Seis mitos e sete contos foram analisados à luz das ideias winnicottianas sobre a maternidade, sendo identificados dois campos de sentidos afetivo-emocionais que perpassam a construção de duas figuras maternas nessas narrativas míticas: a mãe zelosa, que coloca os filhos acima de qualquer ideal ou necessidade, não medindo esforços para proteger a prole, e seu oposto, a madrasta ou bruxa, que não hesita em aniquilar um filho para satisfazer um capricho pessoal. Ambas são descritas como figuras idealizadas, onipotentes e onipresentes, refletindo uma visão dicotômica acerca da maternidade que se mantém até os dias de hoje, alimentando fantasias, expectativas e teorias sobre o papel da mãe, enquanto única responsável pela saúde física e mental dos filhos. Fadas, deusas e bruxas parecem ainda habitar nosso imaginário sobre a maternidade, definindo condutas intolerantes e incompreensivas.

¹ Graduando de Psicologia da PUC-Campinas. Aluno de Iniciação Científica PIBIC/CNPq de Agosto de 2011 a Julho de 2012. Endereço Eletrônico: carlos.dnv@puc-campinas.edu.br

² Doutora em Psicologia pelo IP-USP. Docente e Pesquisadora do Programa Strictu Senso em Psicologia da PUC-Campinas e Docente da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas. Endereço Eletrônico: taniagranato@puc-campinas.edu.br

Palavras-chave: Maternidade, Mitos, Contos de Fadas, Imaginário Social, Psicanálise.

Abstract

This article is the result of the survey “Narratives present in the Maternal Care: Myths and Fairy Tales”, which investigated the social imaginary about motherhood, in view of recent studies that point to the presence of high expectations in relation to the maternal figure, coupled with the lack of social support to the mother in Brazil. We have selected among Greek myths and fairy tales, found in literature, those who convey images on the mother-child relationship, as prototypes of social expectations spread by objects of culture. Six myths and seven stories were analyzed in light of Winnicott’s ideas about motherhood, being identified two fields of affective-emotional meanings that underlie the construction of two mother figures in these mythic narratives: the dutiful mother who puts her children above any ideal or necessity, not measuring effort to protect the offspring, and its opposite, the stepmother or witch, who does not hesitate to annihilate a son to satisfy a personal caprice. Both are described as idealized figures, omnipotent and omnipresent, reflecting a dichotomy about motherhood that remains to this day, fueling fantasies, expectations and theories on the role of mother as single responsible for the physical and mental health of children. Fairies, goddesses and witches seem to still inhabit our imagination about motherhood, setting intolerant and incomprehensible conducts.

Key-words: Motherhood, Myths, Fairy Tales, Social Imaginary, Psychoanalysis.

Introdução

A Psicanálise nasce com “A Interpretação dos Sonhos”, texto por meio do qual Freud (1900) estrutura o método psicanalítico, focalizando seu objeto de estudo, o inconsciente, e seu objetivo, a compreensão do funcionamento psíquico. É também com o nascimento da “análise da alma” (vocábulo derivado dos radicais gregos *psyché*, alma, e *analysis*, análise) que Sigmund Freud irá desenvolver a técnica psicanalítica fazendo uso do narrar, que se produziria na forma de associações livres, com o intuito de acessar materiais inconscientes (GRANATO; CORBETT; AIELLO-VAISBERG, 2011; HAAR, 2008).

Benjamin (1985), cujos estudos provêm da filosofia e da literatura, afirma que a função da narrativa se estende para além de suas qualidades estéticas, não se restringindo a fornecer explicações diretas e causais, mas mantendo-se aberta para as interpretações pessoais do interlocutor daquele que narra. Nesse sentido, a transmissão dos ensinamentos de uma geração a outra e o intercâmbio de experiências pessoais se produziria no próprio ato de narrar. Desde a perspectiva psicanalítica, Freud já havia observado o efeito terapêutico da comunicação e interpretação de materiais inconscientes, ao revelar conflitos subjacentes aos sintomas, produzindo redução ou mesmo a remissão destes.

A intimidade entre o narrar, o viver e a psicanálise é sublinhada por vários autores: “A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção” (CORSO; CORSO, 2006, p. 21). Ricoeur (1978, 1999) apud Granato; Tachibana; Aiello-Vaisberg (2011) lançará luz sobre o poder mutativo do narrar enquanto oferta de alívio ao sofrimento e caminhos alternativos para os problemas apresentados pela vida, quando a própria vivência é reelaborada e a história de vida modificada.

O que é narrar? Segundo Benjamin (1985) contar histórias é a arte de contá-las repetidas vezes, uma arte que é perdida quando tais narrativas deixam de ser contadas, impedindo a transmissão oral de uma experiência humana. Nesta perspectiva, a narrativa “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1985, p. 200), em um movimento contínuo de contruir e ser contruído pela cultura.

Se a narrativa é o modo pelo qual oferecemos conselho e ajuda nos momentos de necessidade (BENJAMIN, 1985), os mitos que eram transmitidos oralmente pelos narradores compartilhavam com seus ouvintes os ensinamentos e experiências da humanidade, mitos que ao serem reformulados deram origem às histórias infantis, que ficaram conhecidas como os contos de fadas. Tais narrativas oferecem-se como meios, metáforas, conhecimentos que auxiliam a compreender e refletir sobre a realidade, além de propiciarem ferramentas para a resolução de problemas (CIVITA, 1973; CORSO; CORSO, 2006; FERRY, 2009). Enquanto Eliade (2010) discorre sobre a importância dessas narrativas, uma vez que servem de exemplo para atitudes e comportamentos dos

homens, dando significação e valor à vida, Bettelheim (2002) enfatiza a importância dos mitos e contos de fadas, no que diz respeito às três instâncias psíquicas – Id, Ego e Superego – e aos ideais egóicos, formando o corpo simbólico que permeará fenômenos e processos psicológicos.

Não surpreende que também a psicanálise mostre a importância que os contos tradicionais têm para a vida psíquica de nossas crianças. Em alguns indivíduos, a lembrança de suas histórias favoritas tomou o lugar das próprias recordações da infância. (FREUD, 1913/2010, p. 292).

Condizendo com as ideias psicanalíticas em relação aos mitos, Anzieu (2006), apud Souza e Rocha (2009), conclui que:

Em suma palavra, os mitos falam aos homens não sobre o mundo exterior, mas sobre o mundo interior, não sobre a realidade, mas sobre as fantasias, bem como sobre os desejos e as angústias a eles ligadas. (p. 61-62)

E Anzieu (2006) continua tecendo aproximações entre mito e inconsciente, ao afirmar que:

(...) o mito cumpre uma função de prova da existência do inconsciente e de suas características de universalidade, intemporalidade e indestrutibilidade. A figuração simbólica do mito recebe relevo na obra freudiana como uma função de representação, pois o que é recalcado

precisa ser simbolizado, revelando o conteúdo latente do inconsciente (SOUZA; ROCHA, 2009, p. 202).

Freud fará incursões no terreno da Mitologia para fundamentar suas descobertas no campo do psiquismo humano, estabelecendo analogias entre os dramas vividos pelas figuras dos deuses e o sofrimento psíquico do homem comum. Enquanto o sonho, objeto de estudo privilegiado da Psicanálise, é visto como uma projeção do funcionamento psíquico do indivíduo, o Mito se revela como projeção dos desejos da humanidade (SOUZA; ROCHA, 2009).

O mito encerra em si uma verdade, ou melhor, o mito é uma verdade. Ferry (2009) define o mito grego pelo seu contrário, isto é, pelo que o mito não é. De acordo com esse teórico, o mito não tem qualquer pretensão científica, não é a infância da ciência, não é a raiz do “progresso positivista” e não tem o propósito de apreender um fenômeno, objetivando-o. A narrativa mítica é uma verdade vivida, logo, seu critério de aceitação não é da ordem da comprovação e do debate crítico, pois se ergue como intuição compreensiva da realidade que tem gênese na expressão de desejos e temores dos homens, e tem por função acomodar a pessoa em um mundo desconhecido (ARANHA; MARTINS, 1993; SOUZA; ROCHA, 2009).

Civita (1973) afirma que, enquanto os contos de fadas foram elaborados para incitar a moral do homem e adverti-lo dos perigos da natureza, os mitos visariam tocar a alma do homem, fornecendo uma explicação sobre os acontecimentos e motivos para a vida ser como ela é. Por que os mitos gregos ainda vivem? Porque falam dos próprios homens. Bulfinch (2002) se alinha a esse ponto de vista, argumentando que a mitologia, e em especial a greco-romana, persiste e persistirá por estar profundamente enraizada às mais belas produções de artes, sejam antigas ou modernas, destarte perenizados.

Otto (2005) discorre sobre a mitologia grega em termos de sua segregação em relação às mitologias asiáticas e à mitologia cristã, o que confere ainda mais relevância e apreço àquele conjunto de histórias, devido a dois fatores: a humanidade que caracteriza as divindades gregas e a fusão entre o natural e o maravilhoso (miraculoso). A primeira característica diz respeito à ausência de qualidades essencialmente puras aos deuses gregos, sendo estas divindades muito parecidas com os homens. Juno é

ciumenta, enquanto seu consorte, Zeus, é um conquistador; Hermes não passa de um trapaceiro, e Atena é arrogante e se ofende facilmente (FERRY, 2009). A segunda qualidade corresponde à fusão entre a Natureza e o Divino. Enquanto na mitologia judaico-cristã a intervenção da divindade na Natureza se caracteriza como milagre, por exemplo, a cisão do Mar Vermelho, para o universo grego a Natureza é o Milagre. O helenista Vernant (2006) vai ao encontro dessa ideia ao afirmar que “o homem grego não separa, como se fossem dois domínios opostos, o natural e o sobrenatural. Estes permanecem intrinsecamente ligados um ao outro” (p. 5).

Kehl (2006) explicitará que os prelúdios dos contos de fadas datam do séc. XIX e que o surgimento do conceito de infância teve duas grandes implicações para o psiquismo e sociedade humanos. A primeira trata da criação de um espaço segregado para os infantes, na medida em que a Revolução Industrial foi excluindo os mesmos de seu meio. A segunda é um derivado das Revoluções Burguesas que começaram a ver as crianças como seres em desenvolvimento e que eram dignas de códigos, leis e reconhecimento de uma subjetividade diferente da dos adultos.

Na contracorrente funcional dos mitos, os contos de fadas, em seus primórdios medievais e renascentistas, serviam de exemplo para a moral dos adultos, e não das crianças. Em seu nascimento, tais contos maravilhosos advertiam os homens da fome, da morte e da crueldade do mundo. Foi somente no séc. XVIII que alguns autores como Perrault e Basile transformaram estas histórias adultas por meio de uma linguagem acessível aos pequenos, sendo interessante notar que os contos infantis são estruturalmente parecidos com os contos adultos da Idade Média (CORSO; CORSO, 2006, 2011; KEHL, 2006). Uma explicação se relaciona ao fato das narrativas terem sido inicialmente criadas por artesãos e viajantes, logo, adultos (BENJAMIN, 1985). Hobrecker (1924) apud Benjamin (1985) confirma tal dado histórico ao dizer que o livro infantil alemão surge no contexto do Iluminismo, quando filantropos objetivavam a transmissão de uma moralidade às crianças. Tal formato tem a vantagem de comunicar esses ensinamentos por uma linguagem bastante próxima do universo infantil, fazendo uso da imaginação, para lidar com conflitos pessoais e relacionais.

De acordo com a proposta winnicottiana, pode-se considerar essas duas formas narrativas, os Mitos e os Contos de Fadas, no contexto dos objetos e fenômenos transicionais, uma vez que tais histórias são também construções culturais que

compartilham a substância da experiência de ilusão que “na vida adulta, é inerente à arte e à religião (...)” (WINNICOTT, 1975, p.15). Tais narrativas participam do processo de integração do self, promovendo o diálogo entre o mundo interno e o externo, que se dá no espaço potencial, contribuindo para a saúde psíquica.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência (...) e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p. 30).

Da perspectiva da dupla função desempenhada por estas primeiras narrativas, ou seja, oferecer uma compreensão sobre as experiências da vida (mitos) e transmitir uma moral às crianças (contos de fadas), considera-se legítimo investigá-las em termos de expectativas acerca da maternidade, ou seja como tais narrativas primordiais alimentam o imaginário social sobre a figura materna desde a alvorada da humanidade. Tal estudo se reveste de importância, já que a maternidade é sempre uma construção social (BADINTER, 2010 apud GRANATO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2011), da qual participam fantasias, concepções e preconceitos, que determinam condutas pessoais, profissionais, sociais e políticas públicas frente à mãe e à tarefa materna (GRANATO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2011).

Objetivo

Investigar o imaginário sobre a maternidade, veiculado por mitos e contos de fadas, em sua articulação com expectativas contemporâneas em relação à figura materna.

Material e Método

A fim de se proceder à pesquisa de referências à figura materna em mitos e contos de fadas, as quais podem estar alimentando construções imaginativas que definem condutas frente à maternidade, foram utilizados os seguintes procedimentos:

a) Fichamentos de textos científicos

A leitura de textos científicos ocorreu a partir de recomendações da orientadora, sendo selecionados por temas pertinentes ao estudo, tais como maternidade, imaginário, psicanálise e narrativas. Também foram consultadas bases de dados científicas em busca de artigos recentes que abordassem a temática do trabalho. No que diz respeito aos Mitos e Contos de Fadas, foram selecionados autores renomados do meio acadêmico que discutem essas duas formas de narrativas, como é o caso de Luc Ferry e Jean Pierre Vernant.

b) Levantamento de mitos gregos e contos de fadas

O levantamento das narrativas ocorreu a partir da ampla literatura disponível sobre mitos e contos de fadas. As histórias foram buscadas a partir de narradores acadêmicos e estudiosos, objetivando a qualidade das narrativas. Nesse quesito, vale ressaltar os trabalhos de Bulfinch (2002) a respeito dos mitos, consagrado como referência mundial, bem como os clássicos de Grimm e Perrault, como exemplares da categoria contos de fadas.

c) Análise psicanalítica

As narrativas selecionadas foram discutidas e interpretadas no contexto do grupo de pesquisa, tendo como referencial teórico a perspectiva winnicottiana sobre a maternidade, em busca de produções imaginativas sobre a figura materna que estejam sendo comunicadas por narrativas míticas que ainda hoje se dirigem a adultos e crianças. Este estudo também objetiva articular tais produções à queixa materna sobre a insuficiência de suporte social e a expectativas contemporâneas sobre a maternidade, tal como foram comunicadas por pesquisas recentes (GRANATO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2011).

Resultados e Discussão

Diante da vasta literatura produzida sobre mitos gregos e contos de fadas, bem como da onipresença da figura materna nessas produções culturais, procedemos a uma primeira exploração do imaginário sobre a figura materna consultando as seguintes narrativas míticas: Teogonia e Cosmogonia, Prometeu e Pandora, Orfeu e Eurídice, Baco e Ariadne, O Assassinato de Erisícton, Vênus e Adônis, Narciso e Eco, A Queda

de Faetonte, Juno e suas Rivais, Hestia, a deusa virgem, O Rapto de Prosérpina, O Regresso de Ulisses, Ceres, A Guerra e Queda de Tróia, O Velocino de Ouro, Medéia, Hécate, Eris e outras divindades das Trevas, A Rainha Níobe, As Divindades Rurais, As Divindades Aquáticas, Hero e Leandro. Os Contos de Fadas investigados foram Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Gato de Botas, Rumpelstiltskin, Rosa Branca e Rosa Vermelha, Branca de Neve, O Cravo, A Pequena Sereia, A Princesa e a Ervilha, O Lobo e os Sete Cabritos, O Noivo Ladrão, Barba Azul e A Bela e a Fera.

Após leitura cuidadosa do material acima descrito foram selecionadas para análise as narrativas cuja trama se organiza em torno de figuras maternas ou do cuidado infantil, o que resultou em seis narrativas míticas (Teogonia e Cosmogonia, Narrativas sobre Héstias, Narrativas sobre Ceres, Erisícton, O Rapto de Prosérpina e A Rainha Níobe) e sete contos de fadas (Branca de Neve, O Cravo, O Lobo e os Sete Cabritos, Rosa Branca e Rosa Vermelha, O Noivo Ladrão, Rumpelstiltskin e Cinderela).

Alinhada a pesquisas recentes sobre o imaginário coletivo a respeito da maternidade que apontam para a idealização da figura materna (GRANATO; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; CORBETT; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2011), a maioria dos mitos investigados apresenta a figura da mãe como aquela que se dedica intensa e exclusivamente a seus filhos, modelo que se aproxima da relação que usualmente se estabelece entre a mãe e seu bebê recém-nascido (Winnicott, 2000). Na incansável tarefa de proteger sua prole, algumas deusas da mitologia não hesitam em destruir quem quer que ameace o bem estar de seus filhos, como exposto por Bulfinch (2002) e Civita (1973) ao reportarem mitos como o de Ceres, a Mãe-terra. Esta, ao saber que Erisícton destruiu um carvalho, um de seus filhos, envia uma mensagem à Fome para que ela infecte o corpo do assassino, que passa a sofrer com a sensação de fome crônica. Ao final da narrativa, o desespero deflagrado pela fome toma tamanhas proporções que obriga Erisícton a devorar a si mesmo. A mesma divindade, Ceres, em outra versão, ao saber que sua filha foi raptada, passa nove dias e nove noites sob sol e chuva, deprimida e inconformada com o desaparecimento desta.

O mito de Rainha Níobe alude ao amor narcísico, segundo o qual os filhos são vistos como extensões do ego materno, quando a protagonista se vangloria dos filhos apresentando-os como troféus dos quais se orgulha, o que segundo Níobe a coloca

acima das divindades. Níobe, rainha e mãe, é a causa da morte de seus filhos. Ela se gaba por ter sete filhos e sete filhas, enquanto a deusa Latona possui somente dois, Apolo e Diana. Ao ouvir isso, e por pedido da mãe, os dois deuses assassinam os filhos da mortal. Corso e Corso (2006) advertem sobre a mãe possessiva que vê os filhos como tesouros a serem preservados eternamente, uma vez que este tipo de atitude mantém os filhos sob o domínio materno, prejudicando o desenvolvimento de outros laços interpessoais, como ocorre com os filhos de Níobe.

Já nos Contos de Fadas, o cuidado materno é expresso por diversas figuras. Em tais histórias, a maternidade pode ser vivida não somente pela personagem da mãe biológica, mas também por outras figuras femininas que adotam uma postura maternal diante do personagem desamparado ou ameaçado. As fadas costumam desempenhar o papel de mãe substituta, na ausência da mãe biológica, vista como a representante do cuidado infantil adequado (WINNICOTT, 1975, 2000). Senhoras idosas, representando as avós, também são retratadas como figuras maternas bondosas, como por exemplo, no conto “O Noivo Ladrão”, no qual um pai oferece sua filha em casamento a um homem rico, sendo esta salva por uma senhora idosa que a alerta quanto ao futuro noivo, dizendo que este é um assassino que pretende matá-la e servi-la como alimento para seus amigos.

Como contraponto a essas figuras maternas benfazejas as madrastas e bruxas dos contos de fadas comunicam o imaginário popular sobre a má mãe, aquela que coloca seus desejos acima das necessidades de seus filhos. É comum nos contos de fadas que, após a morte da mãe, a mulher que vem a substituí-la comporte-se de modo execrável para com os filhos daquela, como ocorre no clássico “Branca de Neve”. A mãe, que desejava ter uma menina que possuísse os lábios tão vermelhos quanto uma maçã, o cabelo tão negro quanto o ébano e a pele tão branca quanto a neve, morre durante o parto. Passado um ano, o lugar materno é ocupado por uma linda, porém vil, mulher que não suporta que alguém a rivalize em termos de beleza. Por esse motivo, quando Branca de Neve completa sete anos de idade (CORSO; CORSO, 2006), dando sinais de sua futura beleza, a madrasta toma providências para que a menina seja morta, livrando-se assim do sofrimento desencadeado pela própria inveja.

Considerações Finais

A mãe da narrativa mítica, é sempre vista como dominada por paixões intensas, sejam elas derivadas de impulsos amorosos ou destrutivos, cujo poder sobre a criança jamais é neutralizado pelo pai, personagem costumeiramente frágil ou ausente diante da figura dominante da mãe. Nesse cenário a criança ainda conta com figuras femininas alternativas, muitas vezes mágicas ou divinas, para auxiliá-la a se defender de situações adversas e/ou do forte vínculo materno em prol do estabelecimento da própria maturidade emocional, o que a levará à condição adulta. A inveja, o ciúme e o egoísmo, representando os aspectos negativos da figura materna, ao lado da confiabilidade, devoção e bondade, como as qualidades da boa mãe são as cores que tingem o drama vivido por deusas, fadas, bruxas, mães e crianças em busca da construção e proteção da subjetividade infantil.

Poderosas, devotadas e possessivas são as deusas-mãe da mitologia, cujos aspectos de bondade e maldade em relação ao cuidado das crianças aparecem dissociados nos contos de fadas, por meio de personagens que ora carregam o lado amoroso da maternidade, como é o caso das fadas, ora expressam o lado destrutivo da figura materna, representados por madrastas e bruxas. Elaboradas a partir da perspectiva infantil tais narrativas parecem comunicar a intensa fragilidade e vulnerabilidade do ser humano ao nascer, condição que torna fundamental que adultos dedicados e bem intencionados assumam o cuidado infantil em face das contínuas ameaças de um mundo hostil que não espera que as crianças cresçam, tornem-se independentes e possam cuidar de si mesmas. Como mensageiras e conselheiras da humanidade, tais histórias advertem dos riscos e apontam caminhos para o desenvolvimento ético do ser humano.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à orientadora, Prof.^a Dra. Tania, pelo ensino e ao cuidado, ao grupo de pesquisa, pela ajuda e incentivo, a minha família por ter me estimulado sempre a seguir o caminho da pesquisa e da ciência e ao CNPq pelo apoio financeiro.

Referências

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

- BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Paz e Terra, 2002.
- BULFINCH, T. O Livro de Ouro da Mitologia. São Paulo: Ediouro, 2002.
- CIVITA, V. Mitologia: verdade e fantasia. In: CIVITA, V. Mitologia. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. A Psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a Fantasia. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano. 2ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- FERRY, L. A Sabedoria dos Mitos: Aprender a Viver II. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.
- FREUD, S. Sonhos com Material de Contos de Fadas. In S. Freud Obras Completas (pp. 291-300). São Paulo: Companhia das letras, 2010 (Original publicado em 1913).
- GRANATO, T. M. M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Uso terapêutico de narrativas interativas com mães em situação de precariedade social. *Psico*, PUCRS, v. 42, n. 4, p. 494-502, 2011.
- GRANATO, T. M. M.; CORBETT, E.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 157-163, 2011.
- GRANATO, T. M. M.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG. Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. spe., p. 81-89, 2011.
- HAAR, M. Introdução à Psicanálise – Freud. 7ª Edição. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008. Biblioteca Básica de Filosofia, Vol. 15.
- KEHL, M. M. A criança e seus narradores. Prefácio de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- OTTO, W. F. Os Deuses da Grécia. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

SOUZA, A. A. T.; ROCHA, Z. J. B. No princípio era o Mythos: articulações entre Mito, Psicanálise e Linguagem. Estudos de Psicologia, Natal, v. 14, n. 3, p. 199-206, 2009.

VERNANT, J. P. Mito e Religião na Grécia Antiga. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, D. W. (2000). Da Pediatria à Psicanálise: textos selecionados. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. (1975). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago.